

LINGUASAGEM

REPRESENTAÇÕES DO LEITOR INSCRITAS NOS PROCEDIMENTOS EDITORIAIS DE ADAPTAÇÕES DE CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA ESTRATÉGIA DE SUPRESSÃO DE SEQUÊNCIAS DESCRITIVAS¹

Jéssica de OLIVEIRA²

Resumo

Empreendemos neste artigo uma análise de estratégias de escrita empregadas na construção de adaptações literárias destinadas ao público jovem em fase escolar. Nos valem neste artigo de duas dessas adaptações de clássicos da Literatura Brasileira, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, da coleção Clássicos Rideel, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, da coleção Machado de Assis em sua essência, ambas da editora Rideel. Em nossa análise procedemos por comparação, cotejando tanto as obras integrais com as suas respectivas adaptações, quanto comparando uma adaptação à outra, levantando assim as estratégias de adaptação/condensação do texto original mais frequentes, a fim de apreendermos algumas projeções de práticas de leitura e de competências leitoras pressupostas nesse processo de adaptação. Neste artigo, compararemos os procedimentos editoriais que se referem às supressões/sínteses de sequências descritivas, apoiados na perspectiva teórica da Análise do discurso.

Palavras-chave: Adaptação literária; Jovens leitores; Clássicos Rideel; Joaquim Manuel de Macedo; Machado de Assis.

Abstract

In this article we undertake an analysis of writing strategies used in the construction of literary adaptations aimed at young audiences in the school phase. Considering in this

¹ Este artigo tem como base a Pesquisa de Iniciação Científica intitulada “*Como se leem os clássicos hoje: análise de projeções de leitura inscritas em adaptações de obras da literatura Brasileira*”, financiada pela FAPESP (Processo Nº 2012/15234-4), orientada pela Profa. Dra. Luzmara Curcino, e vinculada ao projeto geral “*Práticas de escrita e representações de leitura: a construção discursiva do leitor brasileiro na mídia contemporânea*” (FAPESP, 2010/16139-0).

² Graduada em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos, mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística desta mesma universidade. É membro do LIRE - Laboratório de Estudos da Leitura –UFSCar/CNPq. Contato: jessicaoliv@gmail.com

article two of these adaptations of classics of Brazilian Literature, *A Moreninha*, by Joaquim Manuel de Macedo, from the Classics Rideel collection, and *Dom Casmurro*, by Machado de Assis, from the Machado de Assis collection in its essence, both from Rideel publishing company. In our analysis we proceed by comparison, comparing both integral works with their respective adaptations, and comparing one adaptation to another one, raising by this way the adaptation/condensation strategies related to the original text more frequent, in order to apprehend some projections of reading practices and presupposed reading skills in this adaptation process. In this article, we will compare the editorial procedures that refer to the deletions/synthesis of descriptive sequences, supported by the theoretical perspective of Discourse Analysis.

Keywords: Literary adaptation; Young readers; Rideel Classics; Joaquim Manuel de Macedo; Machado de Assis.

Adaptações dos clássicos nacionais para o público jovem

O mercado editorial apresenta-nos uma grande variedade de adaptações de clássicos da literatura, tanto universais quanto brasileiros, difundidos em diversas coleções e edições, encontrados frequentemente nas listas de publicações de muitas editoras, garantindo, desta forma, um campo de atuação para adaptadores que se consagraram nesta prática. Chartier (2002) ao relatar sobre a mediação editorial no “antigo regime tipográfico” e trazendo exemplos de como a prática da adaptação ocorria na França entre os séculos XVI e XVII nos mostra uma reflexão crítica que também podemos aplicar nos dias de hoje:

Feito rapidamente e sem grande cuidado, esse trabalho de adaptação leva muitas vezes a incoerências. As dificuldades de compreensão são, pois, introduzidas nos textos exatamente pelas operações que desejam tornar sua leitura mais fácil. Essa contradição está ligada às necessidades da edição barata, que supõe custos baixos e, portanto, poucas exigências quanto à preparação do original ou à revisão das provas (CHARTIER, 2002, p. 70).

Ao partirmos de tal variedade de adaptações encontradas no mercado editorial, no qual há obras consideradas boas adaptações para adoção escolar e aquelas como as relatadas pelo autor, tivemos a pretensão de pesquisar sobre o tema. O nosso trabalho de pesquisa, do qual este artigo faz parte, foi conduzido a partir do objetivo de traçar um dado perfil do leitor para o qual estas adaptações são destinadas, a saber, o público leitor jovem em fase escolar, e que é pressuposto pelos editores quando da formulação de uma linha editorial como esta.

Para levantarmos indícios discursivos dessas representações que fazem desse público leitor, valemo-nos da análise de estratégias de escrita empregadas na construção de duas dessas adaptações de clássicos da Literatura Brasileira, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, da coleção Clássicos Rideel, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, da coleção Machado de Assis em sua essência, ambas da editora Rideel. Em nossa análise procedemos por comparação, cotejando tanto as obras integrais com as suas respectivas adaptações, quanto comparando uma adaptação à outra, levantando assim as estratégias de adaptação/condensação do texto original mais frequentes, a fim de apreendermos algumas projeções de práticas de leitura e de competências leitoras pressupostas nesse processo de adaptação. No entanto, nos dedicamos, neste artigo, mais especificamente à análise de um procedimento editorial: a supressão de sequências descritivas. Para tal análise proposta, nos apoiamos especialmente na Análise do Discurso, no que concerne à compreensão dos efeitos de sentido produzidos pelo emprego de certas estratégias de escrita e em alguns princípios da História Cultural da leitura a partir da análise dos objetos culturais que portam textos.

A supressão/síntese das sequências descritivas

Tendo em vista o objetivo editorial de apresentar uma versão sintética do texto clássico, as adaptações se valem sistematicamente da supressão, em relação ao texto integral, de sequências em que há o predomínio das descrições de personagens, de cenários ou de um objeto em particular, tal como podemos observar no exemplo abaixo, que corresponde a um trecho, na versão integral, em que o narrador-personagem descreve a casa onde mora:

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado pelo desejo tão particular que me vexa imprimir-lo, mas vai lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz; é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacinha, flores, legumes, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa. [...] O

meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência [...] (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 2).

O mesmo trecho, na versão adaptada, elimina toda descrição da casa, como também a referência aos personagens clássicos como César, Augusto, Nero e Massinissa:

Vivo só, com um criado, em casa que mandei construir idêntica à em que me criei, e o meu fim evidente ao construí-la, era atar as duas pontas da vida e restaurar a velhice e a adolescência (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 7).

Sobretudo na obra *Dom Casmurro* a descrição é de fundamental importância, para que se entenda a argumentação do narrador-personagem (Dom Casmurro) cujas descrições são um procedimento recorrente para a tessitura da narrativa. Maior exemplo disso é a descrição do perfil físico e psicológico de personagens, tais como Bentinho e Capitu, cuja ausência afetaria o processo argumentativo que norteia todo o livro – e que permite a construção complexa do jogo de pressuposições que afirmaria/negaria a traição de Capitu. Ao serem omitidas essas descrições, compromete-se parte essencial da obra afetando, assim, a sua interpretação/compreensão/fruição. Ainda em nome da síntese, fez-se necessária a junção de dois parágrafos da obra original, em um, na obra adaptada. Essa junção de parágrafos na adaptação, em alguma medida, diminui o impacto semântico e argumentativo que o autor produz no texto original quando decide, para marcar/destacar a intensidade da afirmação, fazê-la em outro parágrafo autônomo.

Outro exemplo de supressão de partes da narrativa em que predomina a descrição na obra *Dom Casmurro* é aquela referente ao capítulo VI denominado Tio Cosme, que tem por objetivo introduzir e descrever o personagem então designado. No texto adaptado, ele é descrito assim: “[...] Tio Cosme era o irmão mais velho da minha mãe e morava conosco desde que ela enviuvou. [...]” (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 8). Na obra original esse fragmento adaptado corresponde a:

Tio Cosme vivia com minha mãe, desde que ela enviuvou. Já então era viúvo, como prima Justina; era a casa dos três viúvos.
A fortuna troca muita vez as mãos à natureza. Formado para as serenas funções do capitalismo, tio Cosme não enriquecia no foro: ia comendo. Tinha o escritório na antiga rua das Violas, perto do júri, que era no extinto Aljube. Trabalhava no crime. José Dias não perdia as defesas orais de tio Cosme. Era quem lhe vestia e despia a toga, com muitos cumprimentos no fim. Em casa, referia os debates. Tio Cosme, por mais modesto que quisesse ser, sorria de persuasão.

Era gordo e pesado, tinha a respiração curta e os olhos dorminhocos. Uma das minhas recordações mais antigas era vê-lo montar todas as manhãs a besta que minha mãe lhe deu e que o levava ao escritório. O preto que a tinha ido buscar à cocheira, segurava o freio, enquanto ele erguia o pé e pousava no estribo; a isto seguia-se um minuto de descanso ou reflexão. Depois, dava um impulso, o primeiro, o corpo ameaçava subir, mas não subia; segundo impulso, igual efeito. Enfim, após alguns instantes largos, tio Cosme enfeixava todas as forças físicas e morais, dava o último surto da terra, e desta vez caía em cima do selim. Raramente a besta deixava de mostrar por um gesto que acabava de receber o mundo. Tio Cosme acomodava as carnes, e a besta partia a trote. [...] Não se diria o mesmo de tio Cosme. Nele era velho costume e necessidade. Já não dava para namoros. Contam que, em rapaz, foi aceito de muitas damas, além de partidário exaltado; mas os anos levaram-lhe o mais do ardor político e sexual, e a gordura acabou com o resto de idéias públicas e específicas. Agora só cumpria as obrigações do ofício e sem amor. Nas horas de lazer vivia olhando ou jogava. Uma ou outra vez dizia pilhérias (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 6).

Na adaptação da obra *A Moreninha* também se pode observar essa predileção pela omissão das sequências descritivas, ainda que ela tenha sido empreendida por outro profissional da escrita, a saber, Celso Leopoldo Pagnan. Isso confirma que mais do que escolhas individuais dos responsáveis pela adaptação das obras, a supressão recorrente de alguns elementos é característica de uma linha editorial que delimita as ações, enfim, as estratégias de escrita empregáveis nesse processo.

Citaremos aqui apenas um exemplo deste procedimento de supressão de sequências descritivas na obra de Macedo, bastante curioso, pois a omissão das descrições, neste caso, referentes às personagens, ocorre em trechos relativamente curtos se compararmos à obra *Dom Casmurro*, na qual, por vezes, a descrição de uma personagem ocupa todo um capítulo. Assim, se as descrições de certas personagens de “*A Moreninha*” fossem mantidas não interviriam de forma significativa na extensão da obra adaptada/condensada, como vemos no exemplo a seguir:

D. Quinquina é meiga, terna; um apurado observador não passaria de classificá-la entre as sonsas. D. Clementina pertencia a outro gênero; não poupa a melhor de suas camaradas (JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, 2000, p. 16).

Na obra original, essas personagens são descritas do seguinte modo:

D. Quinquina (como a chamam suas amigas) conversa sofrível e sentimentalmente: é meiga, terna, pudibunda, e mostra ser muito modesta. Seu moral é belo e lânguido como seu rosto; um apurado observador, por mais que contra ela se dispusesse, não hesitaria [sic] de classificá-la entre as sonsas. D. Clementina pertencia, decididamente, a outro gênero: o que ela é lhe estão dizendo dois olhos vivos e perspicazes e um sorriso que lhe está tão assíduo nos lábios, como o copo de vinho nos do alemão. D. Clementina é um epigrama interminável; não poupa a melhor de suas camaradas; sua vivacidade e espírito

se empregam sempre em descobrir e patentear nas outras as melhores brechas, para abatê-las na opinião dos homens com quem pratica (JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, s.d., p. 19).

Essas escolhas editoriais em suprimir/reduzir sistematicamente as passagens descritivas nas obras adaptadas são manifestas no prefácio das duas adaptações de que nos valem em nossa análise. Neles, são apresentados e justificados em certa medida, o objetivo e os procedimentos que adotaram na síntese das obras, tendo em vista o público leitor a que se dirigem:

[...] hoje em dia, as pessoas quase não dispõem de tempo para ler, devido à agitação da vida moderna. Porém, sabemos ser fundamental, para a formação de todos, a leitura de autores clássicos (PAGNAN, 2000).

[...] Para quem vai prestar vestibular e tem a necessidade de adquirir grande quantidade de informações em curto espaço de tempo, com certeza poderá se utilizar desta condensação sem prejuízo do conteúdo (SILVA, 1994).

Assim, em ambos os prefácios, encontramos a referência à falta de tempo e ao volume de informações necessários na sociedade contemporânea, o que caracterizaria de forma bastante pragmática e direta o perfil de seu público alvo/leitor: jovens em formação que ‘precisam’ ler certas obras clássicas, seja porque são fundamentais para a formação/maturação intelectual e cultural, seja porque são leituras exigidas por processos avaliativos e seletivos diversos. A dimensão pragmática da produção dessas obras se observa ainda na informação de que na condensação não há perda de ‘conteúdo’, ou seja, não há perda de informações relativas às ações que configurariam o núcleo do enredo. Subtrai-se, no entanto, apesar dos esforços na manutenção de certas formas linguísticas, um dos aspectos essenciais que fazem de um clássico, um clássico: o esmero na forma de descrever/retratar/construir e mesmo testemunhar os perfis humanos, os espaços urbanos ou campestres, os objetos culturais de um período, as práticas enfim de que se valiam esses personagens.

Algumas Considerações

As análises comparativas aqui apresentadas nos mostraram que os procedimentos editoriais que se referem às supressões/sínteses das sequências descritivas nos levam a uma prática de escrita, decorrente dessas adaptações, que valoriza o “resumo” do enredo de um clássico em detrimento de sequências nas quais há

um predomínio de descrições, seja de personagens, de cenários ou de um objeto em particular.

Acreditamos que este tipo de supressão de fragmentos que prioriza sequências narrativas de ações pode ser, em parte, resultado da influência das narrativas contemporâneas em que há uma maior relevância para uma grande quantidade de ações das personagens. Portanto, tais características acabam por refletir nos critérios de uma adaptação de clássicos ao considerarmos que seu público leitor é adepto e partilha do gosto por essas narrativas de seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO DE ASSIS. **Dom Casmurro**. Adaptação Nicélia C. Silva. São Paulo: Rideel, 1994a. (Coleção Machado de Assis em sua Essência)

MACHADO DE ASSIS. **Obras Completas de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994b.

CECCANTINI, João Luís C. T.; ANTUNES, Benedito. Os clássicos: entre a sacralização e a banalização. In: PEREIRA, Rony Farto; BENITES, Sonia Aparecida Lopes (Org.). **À roda da leitura: língua e literatura no jornal proleitura**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004. p. 73 – 90.

CHARTIER, Roger. A mediação editorial. In: **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

FEIJÓ, Mário. Do acervo da escola à avaliação de adaptações. In: **O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores**. São Paulo: Editora Ática, 2010. p. 13 - 42.

HÉBRARD, Jean. O autoritarismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Durval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. 2. ed. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO. **A Moreninha**. Adaptação Celso Leopoldo Pagnan. São Paulo: Riddel, 2000. (Coleção ClássicosRiddel).

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO. **A Moreninha**. In: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/a_moreninha.pdf> Acesso em: 19 de junho de 2013.

PGNAN, Celso Leopoldo. Prefácio. In: JOAQUIM MANUEL DE MACEDO. **A Moreninha**. Adaptação Celso Leopoldo Pagnan. São Paulo: Riddel, 2000. (Coleção Clássicos Riddel).

SILVA, Nicélia. Prefácio. In: MACHADO DE ASSIS. **Dom Casmurro**. Adaptação Nicélia C. Silva. São Paulo: Rideel, 1994. (Coleção Machado de Assis em sua Essência).

Submetido em: 26/11/2018.

Aprovado em: 03/11/2019.

Como referenciar este artigo:

OLIVEIRA, Jéssica de. Representações do leitor inscritas nos procedimentos editoriais de adaptações de clássicos da literatura brasileira: uma análise da estratégia de supressão de sequências descritivas. In: **revista Linguagem**, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019, p. 90-97.